O Sertão do Tibagi, os diamantes e o mapa de Angelo Pedroso Leme (1755)

Jefferson de Lima Picanço
IG-UNICAMP
jeffpicanco@ige.unicamp.br

Maria José Mesquita
IG-UNICAMP

RESUMO
O "Mappa do Certam de Tibagi (...)" [1755], de Ângelo Pedroso Leme é um dos principais documentos cartográficos da região no século XVIII. No mapa consta a vila de Curitiba, os vales dos rios do Rio Grande do Registro (Iguaçu), Ubatuba (Ivaí) e Tibagy, assim como os "Campos de Garapuava". O vale do Tibagi é o mais bem detalhado, com indicação e nome dos afluentes, maior densidade de picadas e a indicação das roças feitas na região por Ângelo Pedroso. Também estão indicados os rios e ribeiros com ocorrências auríferas, assim como o morro da Pedra Branca, o qual teria ouro em suas vertentes. No mapa não há registro de diamantes, muito embora sua existência já pudesse ser conhecida. Outro bem precioso da região seriam os "fertiz campos para criar animaes", indicativo do estabelecimento de grandes fazendas na região do Tibagi, que serviria de zona de passagem de muares dos campos sulinos para as regiões mineradoras. O "Mapa do Certam do Tibagy" (1755), foi a base da "Planta do Sertão de Tibagi Que se Acha Descoberto" [1769], elaborado pela bandeira de Afonso Botelho, que é uma repetição sem maiores alterações. Também foi parcialmente aproveitado na "Carta Corografica Dos Dous Certoens de Tibagi e Ivay novamente descobertos pelas ordens e instruções de D. Luiz Antonio de Souza governador e capitão general de São Paulo anno 1770".

PALAVRAS-CHAVE: ouro, diamantes, Tibagi, século XVIII

ABSTRACT:
The "Mappa do Certam de Tibagi (...)" [1755], from Ângelo Pedroso Leme, is one of the regional most important cartographical documents of XVIIIth century. It could be seen on the map the Curitiba village and the fluvial basins the Rio Grande do Registro (Iguaçu river), Ubatuba (Ivaí river) and Tibagi river , as well as the "Campos de Garapuava" [Guarapuava prairies]. The Tibagi valley is the most carefully detailed, which shows the rivers, pathways and the crops. Placer gold occurrences are also indicated in the rivers, creeks and at Pedra Branca hill. There is no diamond occurrences registered in the map, in spite of their known existence by the explorers at that time. Another important information is the location of natural prairies, which have economical importance in the establishment of great farms at Tibagi valley during XVIIIth century. This region was subsequently an important animal trade area linking the mining zones with the Southern Brazil. The "Mapa do Certam do Tibagi" [1755], was the basis for the "Planta do Sertão de Tibagi Que se Acha Descoberto" [1769], elaborated during the Afonso Botelho's expedition, with no significant alterations. The Pedroso's map was also partially used at the regional map entitled "Carta Corografica Dos Dous Certoens de Tibagi e Ivay novamente descobertos pelas ordens e instruções de D. Luiz Antonio de Souza governador e capitão general de São Paulo anno 1770".

KEYWORDS: Gold; diamant; Tibagi; XVIIIth century.

I - INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do "Mappa do Certam do Tibagi riquíssimo de averes assim de oiro estanho fino e antimonio excellente como de fertiz campos pa[ra] se criar animaes; (...)" (sic), (Figura 01) feito em 1755 por Manuel Ângelo Filgueira de Aguiar a pedido do sertanista Ângelo Pedroso Leme. O "Sertão do rio Tibagi" está situado na atual região dos Campos Gerais no atual estado do Paraná. O vale deste rio é ocupado desde pelo menos 10.000 anos BP (Parellada, 2008) por diversas culturas indígenas. Nos dois primeiros séculos da conquista ibérica o Sertão do Tibagi foi palco de ativa disputa entre portugueses e castelhanos pela posse da mão-de-obra indígena. Posteriormente, com a descoberta de ouro e diamantes, no século XVIII, a região foi devassada por mineradores e por entradas militares promovidas pelas autoridades régias, entre os quais se destaca o governador da capitania de São Paulo, D. Luiz de Souza, o Morgado de Matheus. Não por acaso, neste mesmo periodo, processavam-se as negociações de limites entre Portugal e Espanha, com os tratados de Madri e Santo Ildefonso, tornando premente o reconhecimento e a posse destes territórios. Durante o fim do século XVIII e durante quase todo o século XIX, o vale do Tibagi foi uma região economicamente importante, como área de passagem das tropas de muares vindas do extremo sul e demandando as Minas Gerais e, depois, aos cafezais paulistas.

O mapa de Ângelo Pedroso Leme serviu de base para mapas posteriores, sendo, nos cem anos seguintes, uma referencia cartográfica importante desta porção do território. Este trabalho ressalta sua importância como documento de sua época e como um mapa que revela o nível de conhecimento que os brasílicos tinham de seu território, com seus caminhos, rotas, acidentes geográficos, vias fluviais e recursos econômicos.

Figura 01 – "Mappa do Certam do Tibagi riquíssimo de averes assim de oiro estanho fino e antimonio excellente como de fertiz campos pa[ra] se criar animaes; (...)" (sic), feito em 1755 por Manuel Ângelo Filgueira de Aguiar a pedido do sertanista Ângelo Pedroso Leme.

II - O SERTÃO DO TIBAGI NOS SÉCULOS XVI E XVII

Nos primeiros tempos da conquista ibérica, nos séculos XVI/XVII, a região era ocupada tanto por tribos Guaranis quanto por tribos do grupo Jê Meridional (para mais informações, ver: Parellada, 2008). As tribos guarani, compostas por tribos de agricultores seminômades, ocupavam os vales dos grandes rios e as florestas tropicais adjacentes. As tribos da cultura jê ocupavam as serras, as regiões de campos e principalmente as matas de araucária (Prous, 2006). A região era cortada por inúmeros caminhos pré-cabralinos, que ligavam o litoral com o interior do continente. Este caminho é conhecido pelo nome de *Peabiru* (Maack, 1959).

No século XVI, quase todo o território do atual Brasil Meridional estava situado numa zona de sombra entre os territórios portugueses e castelhanos na América. Neste contexto, o vale do rio Tibagi foi provavelmente atravessado pela primeira vez por europeus em 1526, na expedição de um sobrevivente da esquadra de Juan de Solis, Aleixo Garcia, o qual, partindo do Porto Dos Patos (provavelmente na atual Palhoça, em Santa Catarina), teria chegado até o sul da atual Bolívia. Também deve ter cruzado o vale do Tibagi a expedição de Pero Lobo em 1531. Enviado por Martim Afonso de Souza, partiu com 80 arcabuzeiros da atual Cananéia, tendo sido trucidado pelos indígenas no baixo vale do Iguaçu, segundo os relatos recolhidos na região pelo explorador Cabeza de Vaca em 1542 (Cabeza de Vaca, 1993).

A primeira referência histórica da região do sertão do rio Tibagi deve-se a Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (Cabeza de Vaca, 1993). Em 18 de outubro de 1541, com 250 soldados e 26 cavalos, Cabeza de Vaca começa a subir o rio *Itabucu* (Itapocu), na atual Santa Catarina, rumo a Assunção, no Paraguai. Esta viagem está contada em detalhes nos seus "*Comentários*" (Cabeza de Vaca, op.cit.), escritos pelo seu secretario Pero Hernandez. Após atravessar o que denominam de "Campo" (os atuais campos de Curitiba), a expedição cruza o rio Iguaçu e em 3 de dezembro 1541 atravessa com dificuldade o rio Tibagi. Segundo Pero Hernandez, o Tibagi "*era todo ladrilhado, com lajes grandes e tão bem formadas como se ali tivessem sido colocadas pelo homem*" (Cabeza de Vaca, op.cit.). A seguir, a expedição toma o rumo do rio Taquari (atual Ivaí) pela rota do Peabiru, atravessando o rio na altura do Salto Ubá, próximo da foz do atual rio Alonzo.

Após a viagem de Cabeza de Vaca, a região passa para o domínio castelhano, como parte da "*Província do Guairá*" (Picanço & Mesquita, 2010). O antigo Guairá (1541-1632) é um território vinculado ao Paraguai colonial, que compreende, de maneira aproximada, a região entre os rios Paranapanema a norte, Iguaçu a sul, Paraná a oeste e Tibagi a leste. Segundo avaliações contemporâneas, estima-se para este período uma população indígena de 100 a 300 mil pessoas habitando a região (Picanço & Mesquita, op. cit.).

A região do Guairá representou uma importante região de passagem entre o litoral brasileiro e a cidade de Assunção. Sua principal ligação era feita através do caminho do Peabiru, também chamado pelos

castelhanos "caminho de São Paulo" ou "Caminho do Brasil". Para ocupar este território, a partir de Assunção, os espanhóis do Paraguai fundaram inicialmente Ciudad Real del Guairá (1557), situada na barra do rio Piquiri no rio Paraná. A segunda vila espanhola, denominada Villa Rica del Espiritu Santo mudou-se três vezes de lugar (Picanço & Mesquita, 2010). Sua primeira fundação deu-se em 1576 em algum lugar do vale do Rio Piquiri, próximo de Ciudad Real. A segunda provavelmente ocorreu no lugar depois denominado *Tambo das Minas de Ferro*, na região do Coraciberá. A terceira fundação ocorre em 1589, no rio Ivaí, próximo a barra do Corumbataí, onde estão as atuais ruínas (Parellada, 1997).

Sem achar metais, os moradores (vecinos) das vilas espanholas iniciaram a extração da erva-mate. A erva era explorada utilizando a mão-de-obra indígena, segundo o sistema de *encomiendas*, também chamado no Paraguai *beneficio herbatero*. Segundo vários documentos listados em Cortesão (1951), principalmente o documento *Mercê e encomenda de vários índios e caciques do Guairá aos moradores de Villa Rica* (Cortesão, op. cit.) os índios *encomendados*, ao final do século XVI, provinham dos vales dos rios Tibagi, Piquiri, Cantu, Iniaí, Iguaçu e Paraná. Estes eram enviados aos ervais da serra de Maracaju, no Paraguai, para a extração da erva-mate.

Como o sistema estivesse comprometido pela resistência indígena, os padres da companhia de Jesus foram convidados pelo Governador do Paraguai, Hernando Arias de Saavedra, o Hernandárias, para entrar na região e fundar missões. Inicialmente foram fundadas duas reduções, e em pouco mais de vinte anos cresceram para mais de treze.

No vale do rio Tibagi propriamente dito foram estabelecidas as missões de San Francisco Xavier (1622), San José (1625), Encarnación (1625) e, provavelmente, San Miguel (1626). Não se sabe exatamente, a localização destas quatro reduções. Para uma discussão ver, entre outros Jaeger (1959), Chmiz (1963) e Picanco & Mesquita (2010).

Os padres, além da resistência dos indígenas em aderir ao projeto reducional, tinham que conter os *encomenderos* das vilas espanholas e os bandeirantes paulistas. Estes últimos vinham retirar os índios já aculturados para trabalhar em suas plantações de trigo em São Paulo.

O acirramento se dá nos anos de 1628-32, quando as bandeiras paulistas arrasam a maior parte das missões recém-construídas, muitas vezes com a conivência dos espanhóis das vilas e mesmo do governador do Paraguai, Céspedes y Xeria. Os jesuítas decidem retirar as duas ultimas reduções do Guairá no final de 1631. Em 1632, os habitantes das vilas espanholas também abandonam a região.

A partir de então, com a retirada dos guaranis para o sul e dos espanhóis para o Paraguai, a região permanece habitada por tribos nômades Kaingang. Estas tribos ofereceram forte resistência à ocupação da região nos séculos seguintes, chegando mesmo a derrotar a bandeira de Affonso Botelho no Vale do

Iguaçu, obrigando-o a recuar. A ocupação da região, com a pacificação e a expulsão dos Kaingang, só vai se efetivar plenamente a partir do século XIX.

III - OURO E DIAMANTES

As primeiras evidências de ouro na região vicentina datam de meados do século XVI (Nogueira & Maffei, 1966). A partir de 1590 a exploração do metal torna-se importante ao redor da cidade de são Paulo, desce pelo vale do Ribeira e chega à região de Paranaguá por volta de 1620-1640 (Picanço, 2009). No final do século XVII são descobertas as ricas jazidas do sertão dos Cataguás, dando inicio à exploração das minas gerais. No século XVIII a atividade mineradora se expande ainda mais para o interior do continente, com a descoberta das minas de Cuiabá (1719), Goiás (1725) e Mato Grosso (1731).

A descoberta de diamantes no Brasil parece ter-se dado antes de 1729. Nesta data, segundo Joaquim Felício dos Santos, em suas "*Memórias do Distrito Diamantino*" (Santos, 1976), os diamantes do Tijuco em 1729 já estavam reconhecidos, descobertos e explorados. Já em 1733 havia referência a diamantes nos rios Claro e Pilões, em Goiás, os quais foram explorados entre 1749-1751, sem sucesso, pelos irmãos Caldeira Brandt (Palacin, 1971). Por volta de 1750, época do provável descobrimento dos diamantes do Tibagi, já havia um bom conhecimento sobre ocorrência e lavra de diamantes no Brasil.

IV - MAPA DO CERTAM DE TIBAGY

Em 1755, o sertanista Ângelo Pedroso Leme apresenta um mapa do "*Certam de Tibagy*", com o objetivo de demonstrar os trabalhos que havia feito na região nos últimos sete anos e, assim, ter privilégios na exploração dos recursos naturais da região.

O mapa de Ângelo Pedroso (Figura 01) é um mapa simples, sem ornamentação ou elementos figurativos. Da mesma forma, o mapa não apresenta petipé ou qualquer escala gráfica. Adota uma perspectiva vertical e chapada, ao contrário dos mapas seiscentistas. A orientação do mapa está dada nos quatro limites do mapa, pelos pontos cardeais em latim (Septentrio/ Oriens/Meridies /Occidens). Trata-se de um típico mapa do século XVIII, representado pela simplicidade e economia de elementos figurativos e ilustrações (Santos, 2007).

Os sinais de ilustração cartográfica também são bastante simples (Figura 02). Dada a ausência de convenções cartográficas de uso universal, o que se tem é o uso de símbolos e do uso abundante de notas para explicar praticamente cada símbolo do mapa. Esse uso abundante de notas explicativas, bem como de textos explicativos a margem do mapa acusam certa falta de familiaridade com as convenções cartográfica, então em estágio embrionário de utilização (Santos, op.cit).

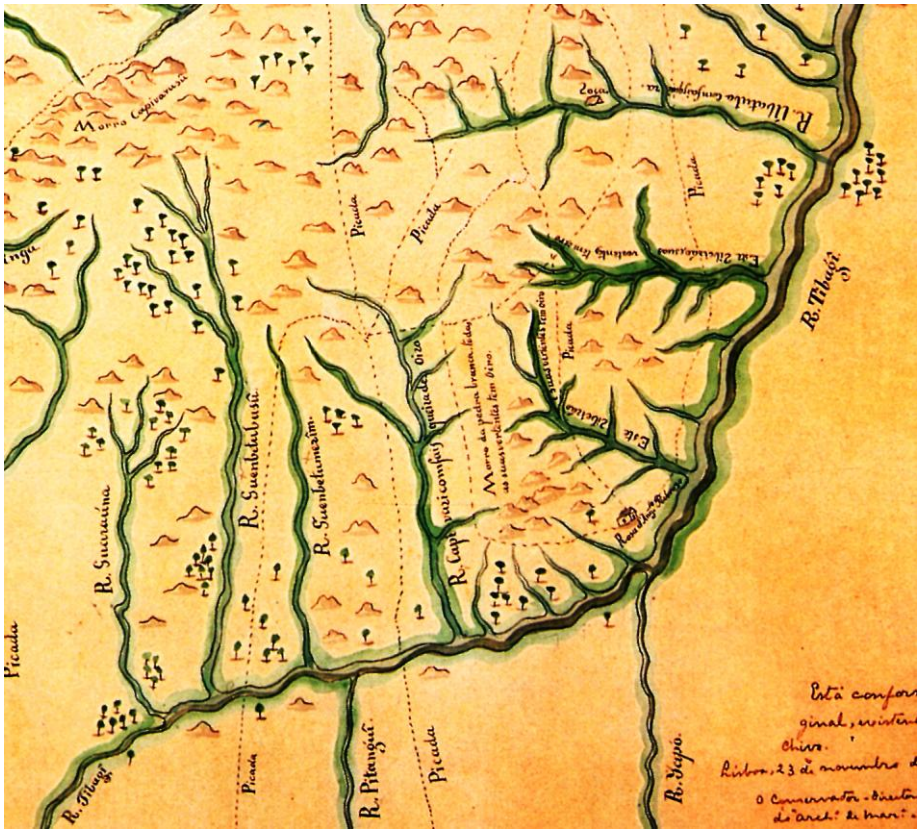

Figura 02 – Detalhe do mapa da Figura 01, onde pode-se ver os detalhes da representação dos rios e morros auríferos, do relevo e das matas no Vale do rio tibagi.

Figura 03 – Detalhe do mapa da Figura 02, onde com detalhes a região da "rossa de Ângelo Pedroso" e as regiões auríferas do rio Tibagi.

As localidades são representadas por casas, sendo a vila de Curitiba, a maior localidade mostrada no mapa, é representada por uma Igreja. Havia somente outras duas localidades representadas no mapa. Uma

delas é o Rezisto (ou Registro - atual cidade de Araucária?), onde eram pagas as taxas de passagem dos muares vindos do sul. por causa desta passagem, durante todo o século XVIII, o rio Iguaçu, em seu trecho superior, passou a ser conhecido como "*Rio do Registro de Curitiba*" ou, simplesmente, "*Rio do Registro*". A outra localidade representada era a "*rossa (sic) de Ângelo Pedroso*", no vale do rio Tibagi. Tratava-se obviamente da fazenda deste, onde hoje se situa a atual cidade de Tibagi. Existem outras menções de roças em outros pontos do mapa, sem estar associadas a nenhum símbolo especifico.

Os caminhos são representados por sinais pontilhados simples. Destes, os mais importantes são o Caminho de Viamão, que saia de Curitiba e atravessava o rio Iguaçu na altura da localidade do Registro (no mapa, grafado como Rezisto) e descia o vale do Iguaçu em direção ao continente de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, onde se criavam os muares. O outro caminho importante é o "*Caminho de São Paulo*", mera continuação do caminho do Viamão. Seu ponto mais importante, não mostrado no mapa, seria a cidade de Sorocaba. Esta cidade, com sua feira, era o mais importante entreposto de muares entre o sul e as minas. Os demais traços pontilhados são referidos genericamente todos como picadas. Destas, uma se destaca: a que sai do caminho de São Paulo, entre os rios Pitanguy e Iapó, e se dirige para o rio Ubatuba (atual Ivaí). Esta picada seria um remanescente do caminho do Peabiru existente ainda no século XVIII (Maack, 1959).

A representação das matas é realizada com a utilização de símbolos pictóricos de pequenas arvores. Imagina-se que a presença destes símbolos, isolados ou em conjuntos, serviriam para representar áreas de matas. O relevo, da mesma forma, é representado por figuras pictóricas de pequenos morros. Com isso, tenta-se representar o relevo tanto na forma de orientação (serras, espigões) e/ou de configuração de formas de relevo (morros, chapadas, etc). Os resultados desta representação de relevo e vegetação são obviamente muito pobres. Prova disso é que as mais importantes feições topográficas da área, como as serras de Capivarussu e Agudos e os morros da Pedra Branca e Apucarana, não prescindem de notas explicativas para sua localização no mapa.

A nota explicativa

Na parte superior esquerda do mapa há uma nota explicativa, onde constam o nome do mapa e outras informações importantes.

Com relação a seus recursos naturais, sabemos que o sertão do Tibagi é riquíssimo em "*oiro, estanho fino e antimônio excelente, assim como de fertiz campos p[ar]a criar animaes*" (sic). Do estanho e do antimônio não se tem idéia do que possa ter sido designado com estes nomes. Provavelmente eram simples materiais metálicos escuros encontrados na bateia (como, por exemplo, hematita e ilmenita) sem uma garantia segura de determinação mineralógica. Mesmo que Ângelo Pedroso não tivesse absoluta certeza de sua correta

designação, estes metais foram provavelmente colocados no texto para realçar as riquezas potenciais da região.

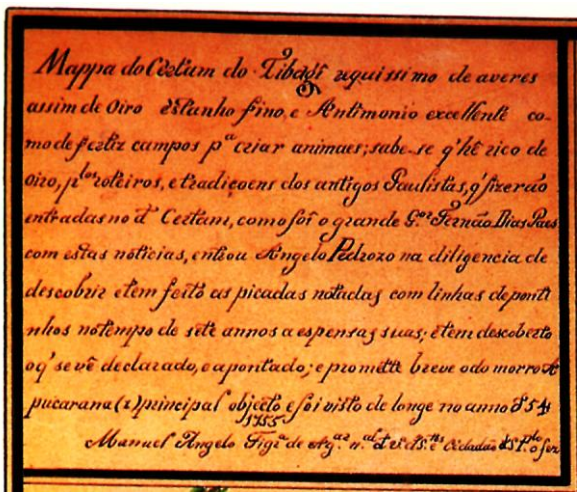

Figura 04 – Detalhe da nota explicativa do "Mappa do Certam do Tibagi".

Quanto ao ouro, o texto fala a seguir de sua existência pelos "*roteiros e tradiçoens dos antigos paulistas, que fizeram entradas no d[ito] certam*" (sic), invocando inclusive a figura do "*governador*" Fernão Dias Paes. Este sertanista efetivamente fizera uma entrada à região de "Hipucarana" em meados de 1666, de onde viera com três caciques (kaingangs?) e suas respectivas tribos (Heming, 1979). Existem no corpo do próprio mapa de Ângelo Pedroso inúmeras referências à existência de ouro aluvionar. Talvez a referência aos "antigos paulistas" na nota tenha sido feita para reforçar o caráter mítico das riquezas, as quais estavam ainda por serem descobertas.

Quanto à referência aos campos para se criar animais, sabe-se que, desde o início do século XVIII, a região dos Campos Gerais, incluído o vale do Tibagi, foi sendo paulatinamente ocupada por fazendeiros paulistas (Cardoso e Westphallen, 1986). Com a abertura da estrada da mata em 1728 e o estabelecimento do caminho do Viamão inicia-se uma importante atividade que liga a pecuária do extremo sul a vila de Sorocaba. Esta seria a grande atividade econômica da região pelos dois séculos seguintes, articulando a pecuária sulina (principalmente gado muar) com as minas gerais e depois com as áreas agricultoras paulistas (Straforini, 2004).

A seguir, o texto nos informa que, impulsionado pelos relatos antigos, Ângelo Pedroso havia entrado naquele sertão, durante sete anos e às suas próprias custas, e que descobriu "*o q[ue] se vê declarado, e apontado [no mapa]*".

Por fim, ainda nos explica que Ângelo Pedroso promete alcançar o morro da "*Pucarana*", que havia sido visto de longe em exploração levada a cabo no ano de 1754. A serra – ou o morro – de Apucarana era um local que atiçava então a imaginação dos sertanistas pela sua fama de riquezas. Cabe notar que a serra de Apucarana está localizada no mapa na margem esquerda do Ubatuba (Ivaí). Pode se tratar de algum morro da Serra Geral, ou seja, da escarpa arenito-basáltica, a qual atinge até 1300 m em algumas áreas da região. A nota finaliza com a data de execução (1755) e a informação de que o mapa foi feito por Manuel Ângelo Figueira de Aguiar, [*trecho ilegível*] "cidadão de S[ão] P[au]lo".

Hidrografia e ocorrências de ouro

As figuras mais bem cuidadas do mapa são os rios, cuidadosamente pintados em tons de azul. Existem claramente distintas três grandes bacias hidrográficas: a do rio do Registro (Iguaçu), do rio Ubatuba (Ivaí) e a do rio Tibagi, desaguando no rio Paranapanema. O rio Ubatuba, ainda segundo o mapa, tem sua barra acima do rio Paraná acima das sete quedas.

O rio do Registro, cujas nascentes são representadas nas serranias próximas à vila de Curitiba, não apresenta indicações de sua barra. No entanto, tem diversas indicações de afluentes. Na margem direita, um rio sem nome e o rio Ipatinga (atual Potinga?). Na margem esquerda fazem barra o rio *da Varge* (atual rio da várzea), o rio Negro e seu afluente Itupeba e, mais adiante, mais um afluente sem nome. A partir daí ocorrem anotações de três regiões de campos: os campos de Apoterebu, os campos de Ibaturuna e os campos Curitybanos. Na margem esquerda, ocorrem os campos de Gurapuava.

O rio Ubatuba, que nasce na serra de Capivarussu, segundo uma nota no mapa, é muito rico em peixe. Não há nenhuma indicação de nome dos afluentes. O maior afluente da margem direita, o qual corre paralelamente a uma picada - parece ser o rio Alonzo. O afluente seguinte, na margem direita, parece ser o atual rio Bom. Ainda na margem direita há uma grande drenagem onde há indicações de ouro. Na anotação consta ser somente um ribeirão, que no mapa faz barra abaixo do morro Apucarana.

O rio Tibagi tem suas nascentes, segundo o mapa, nas imediações da serra do mar, onde é atravessado pelo caminho de São Paulo. Existem somente dois afluentes representados em sua margem direita, os rios Pitanguy e Iapó, ambos atravessados pelo caminho de São Paulo. Já os afluentes da margem esquerda são mais numerosos. São nomeados, respectivamente, o rio Guaraúna, o rio Guanbetabussu (atual Imbituva), o rio Guanbetamirim (atual Bitumirim), o Capivari e outro rio chamado Ubatuba (provavelmente o atual rio Imbaú). Existem vários afluentes menores em toda a extensão da margem esquerda do Tibagi. O rio próximo à roça de Ângelo Pedroso parece ser o atual rio Santa Rosa; acima do rio Imbaú, o atual rio Imbauzinho; antes da serra dos agudos, está provavelmente representado o atual rio Barra Grande.

Existem anotações de quatro rios com ocorrência de ouro, o rio Capivari, dois rios sem denominação (provavelmente os rios Santa Rosa e o Conceição) e o rio Ubatuba (Imbaú). Os rios Capivari e Ubatuba apresentam, segundo a anotação do mapa, a ocorrência de faisqueiras, ou seja, locais de lavra de ouro de aluvião. Alem destes rios, existe a indicação de ouro na serra da Pedra Branca, onde uma anotação observa que "*todas as suas vertentes tem oiro*". Estas ocorrências mostram uma notável concordância com as zonas auríferas/diamantíferas conhecidas atualmente (*Oppenheim,* 1936; Chieregati & Svisero, 1994, Perdoncini, 1997).

Os campos de *Garapuava* (Guarapuava), segundo o mapa, estão representados desde a margem direita do rio do Registro (Iguaçu) até próximos da barra do Tibagi no Paranapanema. A ampla área de ocorrência destes campos, no mapa de Ângelo pedroso leme, parece sugerir não a sua ocorrência, mas somente uma vaga alusão. As picadas traçadas no mapa somente chegam a perto destes campos, não os ultrapassando. A informação de que o morro Apucarana havia sido somente sido avistado de longe na expedição de 1754 mostra que estes – juntamente com o rio com indícios de ouro aí representado – foram os limites das andanças do sertanista.

A relativa precisão com que são representados os rios e ribeiros mostra que Ângelo Pedroso Leme conhecia bastante bem a região dos vales do Tibagi e Ubatuba (Ivaí). No Tibagi, seu conhecimento é bastante bom entre o rio Guaraúna e a Serra dos agudos. No vale do Ivaí, conhecia bem, mas não bem o bastante para nomear os rios que encontrou. As únicas referências nomeadas são os morros do Capivarussu e de Apucarana.

Da mesma forma, pouco conhecia das próprias nascentes do Tibagi, no atual segundo planalto paranaense, e não na Serra do Mar, como representado no mapa. Não há da mesma forma nenhuma indicação de afluentes importantes do Tibagi na sua margem direita.

O rio mais "deformado" geograficamente é o rio do Registro (Iguaçu), que aparece correndo rumo norte paralelo ao Ubatuba (Ivaí). De fato, essas localizações eram ainda muito imprecisas. Em carta para Afonso Botelho, em 12 de setembro de 1969, D. Luiz nos diz que "*a figura de terreno deste certão hé muito diferente do que nos pintavão os mappas*". Para ele, as pesquisas de Afonso Botelho estavam a indicar que "*o Rio Tibagi corre por longa distancia para o norte e parece impossível que faça volta e se vá a meter no Rio do Registro, como se supunha*". Assim, continua D Luiz, "*hoje me persuado que o rio chamado Ivay hé o mesmo que Ubay, ou Tibagi, e que este rio deságua acima das sete-quedas*". Alternativamente, conclui, talvez o rio Tibagi/Ivaí "*se mete no Paranapanema, como alguns antigos afirmão*". Como vemos pela carta, na época não se tinha certeza de que o Tibagi e o Ivaí fossem dois rios diferentes, e ainda menos certeza onde seria esta(s) barra(s).

V- O MAPA COMO REFERÊNCIA

Há um outro mapa, denominado "*Planta do Sertão de Tibagi Que Se Acha Descoberto*" [1769], inteiramente calcado no mapa de Ângelo Pedroso Leme. Neste mapa constam algumas modificações: a "*rossa de Ângelo Pedroso*" se transforma na "*rossa de Fr[ancisco] B^to(?)*"; desaparecem as anotações das outras roças e alteram-se localmente o traçado de algumas picadas – nesta "Planta", o caminho de São Paulo não se comunica com o caminho do Viamão, por exemplo. Por outro lado, há a menção da "Serra do Mar" correndo paralelamente ao caminho de São Paulo, e que não consta no mapa de Ângelo Pedroso.

Figura 05 - Planta do Sertão de Tibagi Que Se Acha Descoberto" [1769].

Da mesma forma, há a anotação de que o caminho do Peabiru, ou onde o caminho de São Paulo se cruza com o antecedente indígena consta no mapa como "*porto de São Bento ou caminho por onde se fez a entrada*", mostrando que a bandeira (muito provavelmente a bandeira de Afonso Botelho, em 1769) tomou o antigo caminho do Peabiru para entrar nos sertões do Tibagi.

Uma das modificações mais notáveis é que o rio Ubatuba (Ivaí) passa a se chamar Rio de Dom Luiz, homenageando D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, o "Morgado de Mateus", governador de São Paulo desde 1765. Na realidade, foi uma auto-homenagem. Em carta datada de 20 de agosto de 1769, ao seu primo Afonso Botelho, comandante das tropas que efetuavam a "descoberta" dos sertões do Tibagi e campos de Guarapuava, o governador sugere, com sua proverbial falta de modéstia, que "ao rio chamado Ubatuba mande VM que chame de D Luiz de Matheus daqui por diante". Como D. Luiz acreditava, conforme vimos anteriormente, que o Tibagi e o Ivaí eram o mesmo rio, nada mais oportuno que nomear o Ubatuba do mapa de Ângelo Pedroso, rio "ausente" das antigas crônicas jesuíticas, com seu próprio nome.

Figura 06 – Detalhe da Figura 05. Comparar com as representações da Figura 02.

Existe outra anotação interessante nesta "*Planta*", colocada no médio curso do Ubatuba-D. Luiz (Ivaí), dizendo: "*Aqui ficam as missões*". Trata-se do registro cartográfico da descoberta, pela bandeira de Afonso Botelho, não das ruínas de uma redução jesuítica, mas sim de Villa Rica Del Guayrá, antiga vila espanhola (Parellada, 1997).

Muitas das informações destes dois documentos foram sumarizadas e estão presentes na "*Carta Corografica dos dous Certoens de Tibagi e Ivay novamente descobertos pelas ordens e instruções de D. Luiz Antonio de Souza governador e capitão general de são Paulo anno 1770*".

O mapa de Ângelo Pedroso Leme também parece ter sido uma das bases utilizada por Aires de Casal na sua "*Corografia Brasílica*", de 1819, para descrever os sertões da antiga província de São Paulo. Segundo padre Casal, o rio Tibagi, "*que nasce ao poente de Cananéia, corre sempre a noroeste, atravessando os campos de Guarapuava, onde se faz caudaloso com o tributo de muitos outros*".

Saint-Hillaire, que percorreu a região de Tibagi por volta de 1819, faz ressalvas a esta localização do padre Casal. Para o viajante francês, "*a única coisa que poderíamos censurar neste caso é a imprecisão do autor, geralmente tão exato na sua Corografia Brasílica*". Contesta a afirmação de que o Tibagi tenha suas nascentes próximas a Cananéia, como afirma Casal, "*pois para ir deste porto ao Paranapanema seria preciso que o rio subisse a serra do mar, o que é impossível*". Da mesma forma, Saint-Hillaire nos diz que o padre Casal novamente se engana "*quando declara que o Tibagi passa pelos campos de Garapuava, situados muitos mais ao sul*".

A citação de Eschwege aos diamantes de Tibagi no *Pluto Brasiliensis* (1833) é com certeza baseada na *Corografia Brasilica*: "*Na província de S. Paulo, é especialmente rico o rio Tibagi, em campos de Guarapuava. Dele foram extraídas muitas pedras em contrabando.*" (Vol. 2, pag. 108).

Charles Frederick Hartt, em seu "Geology and Physical Geography of Brazil" faz duas referências aos recursos minerais da região de Tibagi, a partir de Casal ou, indiretamente, de Eschwege. Inicialmente, nos diz que na província do Paraná "*gold is said to occur in the Villa de Guarapuava, to the west of the river Tibagy and elsewhere in the Province*" (Hart, 1870, pag 513). Mais adiante, reafirma que '*gold and diamonds are found on the borders of the rio Tibagy*" (hart, op. cit., pag 518). Hart nos diz também que estas jazidas de diamantes estavam a requerer estudos. Estes estudos foram realizados por Orville Derby, que publica em 1878 o seu "*Viagem à região Diamantífera da Província do Paraná*", obra seminal da geologia paranaense, e inicia uma nova fase no conhecimento da região, para alem dos limites deste trabalho.

VI - CONCLUSÕES

O "*Mapa do Certam do Tibagy*" (1755), de Ângelo Pedroso Leme, foi um dos registros cartográficos mais importantes para a região entre os rios Paranapanema e Iguaçu feitos no século XVIII.

Trata-se de um mapa feito por sertanistas. As informações mais importantes são os rios e os caminhos e picadas e roças. Traz informações exatas de serras, barras, etc. assim, é um mapa que cumpre seu desígnio de guiar quem entrasse naquele sertão. É um documento do e para o sertão, feito de costas para o litoral.

Por isso mesmo, é impreciso quando trata da bacia do Registro (Iguaçu) e das áreas costeiras, que não são sequer representadas no mapa.

No entanto, tem algumas características importantes dos mapas setecentistas, como o layout mais sóbrio e as coordenadas geográficas em latim nas bordas. Também é um mapa projetado verticalmente, distinto dos mapas seiscentistas e suas perspectivas aéreas.

Foi realizado para que Ângelo Pedroso pudesse fazer valer seus direitos de descobridor. Anteriormente, segundo Ermelino de Leão (Leão, 1926, pag. 477-489), Ângelo Pedroso teria manifestado o descobrimento de ouro no sertão do Tibagi na Superintendência De Terras Minerais de São Paulo, ao ouvidor João de Souza Filgueiras. Houve um demorado conflito judicial pela posse e jurisdição da terra e pelo cargo de superintendente das minas de Tibagi. O que se sabe, segundo Ermelino de Leão (op.cit), é que, em 1757, achava-se na região de Tibagi o mineiro Francisco Martins Lustosa, foragido das minas de Sapucaí por motivo de crime. Teria sido o descobridor da lavra de Pedra branca e quis impor seu filho como escrivão das minas (Leão, op. cit.). Uma bandeira punitiva organizada pela Câmara de Curitiba fez com que Lustoza se refugiasse no sertão. Esta situação de precariedade e violência parece ter se constituído a regra na região. No inicio do século XIX, Saint Hillaire nos diz que diamante era todo retirado de contrabando, que era feito "*não só por alguns habitantes do lugar como também por garimpeiros que vinham de fora e até mesmo da capitania de Minas Gerais*".

Com a reorganização da capitania de são Paulo, no governo do Morgado de Matheus (1765), a região estava ocupada por mineradores, a maior parte garimpeiros, isto é, contrabandistas. Preocupado com a precariedade da ocupação, D Luiz anuncia um bando [proclamação], onde convida os moradores da capitania de São Paulo a povoar o sertão do Tibagi. Já nesta época, o mapa de Ângelo Pedroso é reutilizado pelos cartógrafos da capitania de são Paulo para servir de base para as expedições militares que se fizeram para reconhecimento dos vales do Tibagi, Iguaçu e Ivaí. Estas expedições, executadas pelo tenente coronel Afonso Botelho (1769-1772) resultaram nos mapas "*Planta do Sertão de Tibagi Que Se Acha Descoberto*" [1769] e "Carta Corografica dos dous Certoens de Tibagi e Ivay novamente descobertos pelas ordens e instruções de D. Luiz Antonio de Souza governador e capitão general de são Paulo anno 1770". Ambos os mapas baseiam-se em muito no mapa de Ângelo Pedroso.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos Cartográficos

MAPPA DO CERTAM DO TIBAGI riquíssimo de averes assim de oiro estanho fino e antimonio excellente como de fertiz campos pa Ra se criar animaes; (...) [1755]

PLANTA DO SERTÃO DE TIBAGI Que Se Acha Descoberto" [1769]

CARTA COROGRAFICA DOS DOUS CERTOENS de Tibagi e Ivay novamente descobertos pelas ordens e instruções de D. Luiz Antonio de Souza governador e capitão general de são Paulo anno 1770.[AHU, 283/2298]

Documentos primários impressos

MERCÊ E ENCOMENDA de vários índios e caciques do Guairá aos moradores de Villa rica. In: Cortesão, J.. Manuscritos da coleção De Angelis: Jesuítas e Bandeirantes no Guairá. Biblioteca Nacional, 1951, pag 439-441.

[CARTA PARA] AJUDANTE DE ORDENS que se encontra no Ivay, em 12/set/1769. Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Vol 19-20:389-391.

CÓPIA DA CARTA QUE FOI PARA O AJUDANTE DE ORDENS Afonso Botelho, estando a fazer expandir as bandeiras para penetrar e descobrir o Certão do Tibagi, em 20/ago/1769. Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Vol 19-20:394-395.

BANDO EM QUE O G[E]N[ERAL GOVERNADOR] DE S. PAULO novam^te convida da parte de Sua Magestade a todos os moradores da Capitania para a deligências de partir para o Sertão do Tibagi. Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Vol 69:114-115.

Referências secundárias

CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. The account: Alvar Núñez Cabeza de Vaca's Relación. Arte Publico Press, 1993.

CARDOSO, Jaime Antonio & WESTPHALLEN, Cecília Maria . Atlas Histórico do Paraná. Livraria do Chain editora, 1986.

CASAL, Manuel Aires de . Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geografica do Reino do Brasil [pelo] padre Manuel Aires de Casal. Itatiaia/Edusp, 1976.

CHIEREGATTI, Luiz Antônio; SVISERO, Darci. Estudo de minerais pesados da região diamantífera do rio Tibagi (Pr) e as possibilidades de existência de fontes primárias de diamante na região. Acta geologica Leopoldensia. São Leopoldo, v.13 (10): 171-186, 1990.

CHMYZ, Igor. Contribuição arqueológica e histórica ao estudo da comunidade espanhola de Ciudad Real do Guairá. Curitiba, Revista de Historia, 2: 77-114, 1963.

CORTESÃO, Jaime. Manuscritos da coleção De Angelis: Jesuítas e Bandeirantes no Guairá. Biblioteca Nacional, 1951

DERBY,Orville Adalbert A Geologia da Região Diamantífera da Província do Paraná. Arch. .Mus. Nac., 3:89-98, Rio de Janeiro, 1878.

ESCHWEGE, Willhelm Ludwig Von. Pluto Brasiliensis. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia, 1979, vol 2.

HART, Charles Frederick. Geology and Physical Geography of Brazil. R. Krieger, Huntington, 620 pp, [1870] 1975.

HEMMING, John. Ouro Vermelho: A Conquista dos Índios Brasileiros. São Paulo, EDUSP, 1979 .

JAEGER, Ludwig. La Compañia De Jesus Nel Antiguo Guaira – Localización de sus Trece Reducciones. Pesquisas, 1957, 1: 93-120.

LEÃO, Ermelino de. Dicionário Histórico e Geográphico do Paraná. Verbete "Diamantes do Tibagi". Vol II: 476-489.

MAACK, Reinhardt. Itinerário de Ulrich Schmidel através do Sul do Brasil nos Anos de 1552-1553: Uma pesquisa histórico-geográfica. Geografia Física 1, Conselho de Pesquisas da Univ. do Paraná - no 2, 5-29, 1959.

MAFFEI, Luiza & NOGUEIRA, Arlinda. O ouro na capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII. Bol Inst. Hist. SP, pp 7-135, 1966.

OPPENHEIM, Viktor. Sedimentos diamantíferos do Paraná. DNPM/SFPM, Rio de Janeiro, avulso no 9, 14 pp.

PALACIN, Luiz (1972) Goiás (1722-1822) – estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. Dep Cultura SEC, 1972, 180 pag.

PARELLADA, Claudia. Estética Indígena Jê no Paraná: Tradição e Mudança no Acervo do Museu Paranaense. R.cient. FAP, Curitiba, v.3, p. 213-229 , 2008

PARELLADA, Claudia. Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos da cidade colonial espanhola de Villa Rica Del Espiritu Santo/Fênix – PR. Dissertação UFPR, 1997, 211 pag.

PERDONCINI, Leila Cristina. Diamantes do rio Tibagi: fonte no grupo Itararé?. Diss. Mestr. DEGEO-UFPR, 138 p.

PICANÇO, Jefferson. A Pesquisa Mineral No Século XVII: O Mapa De Pedro De Souza Pereira (1653). In: Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. (http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/resumos-trabalhos.htm).

PICANÇO, Jefferson & MESQUITA, Maria José. O Cristal, o Ferro e o Sal: Recursos Minerais do Antigo Guairá (1557-1632), Atual Estado do Paraná. Terrae didática, 6(2) (no prelo).

PROUS, André. O Brasil antes dos brasileiros – a pré-história de nosso país. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

SAINT-HILLAIRE, Auguste. Viagem A Curitiba e Província de Santa Catarina. Edusp/Itatiaia, 1978, 210 pag.

SANTOS, Joaquim Felício dos. Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro do Frio. Edusp/Itatiaia, 1976, 338 pag.

SANTOS, Márcia Maria Duarte. Técnicas e elementos da Cartografia da America Portuguesa e do Brasil Império. In: Costa, A.G. (org.) Roteiro Prático de Cartografia: da América portuguesa ao Brasil Império. Ed UFMG, 2007, 255 pag.

STRAFORINI, Rafael. No caminho das Tropas. Sorocaba, 2001, TCM, 130 pp.